

REPRESENTAÇÃO RACIAL NO CINEMA BRASILEIRO: DESAFIOS E SUBVERSÕES NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Joyce Luanna Feitosa Felizardo¹

Túlio Henrique Pereira²

Resumo: A partir do século XX a indústria do Cinema cresceu em disparada alcançando uma importância que reverbera até os dias atuais. No Brasil isso não foi diferente, o Cinema brasileiro transitou por várias vertentes, temas e eras de acordo com os avanços artísticos e culturais da sociedade. Muitas das inspirações que serviram para a construção de um cinema nacional veio dos Estados Unidos, já referência nas produções de filmes nesse contexto, logo não é de se estranhar que o nosso cinema reproduzia as formulas que faziam essas obras fazerem sucesso. Nesse contexto, me limito a estudar as décadas de 40 e 50 e escolhi três filmes para centralizar essa discussão, sendo eles: E o Mundo se Diverte (1948), Também Somos Irmãos (1949) e Orfeu Negro (1959). Meu intuito na seleção desses filmes é em como são retratados os personagens negros; como esses discursos raciais eram transmitidos; se e como eram empregados os estereótipos e se esses filmes tinham algum elemento que coexistia com as discussões raciais nesse período. O modo como a indústria cinematográfica construiu estereótipos de pessoas não brancas, determinou espaços de subalternização, sub-representação e desvalorização de narrativas afroreferenciadas, de modo que a coletividade de pessoas negras ficou marcada pela ausência de suas representações integrais, ou seja, núcleos familiares completos, narrativas lineares ou densas a respeito de aspectos geracionais, como início, meio e fim, são elementos que nos ajudarão a entender melhor e mais intimamente essas obras. O método a ser utilizado nos permite a concentração na imagem filmica a partir do seu conteúdo qualitativo, visual, sonoro e textual, estabelecendo observações, seleção de frames, cenas e diálogos para que se possa comparar e analisar o seu caráter estético, visual e suas intenções. Partindo desse conjunto de informações, que trouxe de maneira mais resumida, procurarei responder a esses questionamentos durante a produção da minha pesquisa ainda em andamento.

Palavras-chave: História Cultural. Cinematografia nacional. Raça. Estereótipo. Imagem.

¹ Graduanda do Curso de História da Universidade Regional do Cariri (URCA) . Bolsista de Estágio Remunerado pela FECOP, no projeto Núcleo de História e Cultura Afro Indígena e Africana - NIAFRO. Membro do GEPAFRO-Grupo de Estudo e Pesquisa em História Afrodiaspórica. E-mail: joyce.felizardo@urca.br . ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-0470-3312>

² Pós-doutor em História do Brasil pelo Programa de Pós-graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí (PPGHB/UFPI). Professor Adjunto do Departamento de História, cadeira de História Afro-brasileira e Indígena da Universidade Regional do Cariri (URCA), líder do GEPAFRO-Grupo de Estudo e Pesquisa em História Afrodiaspórica . Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (ProfHistoria/URCA. E-mail: tulio.henrique@urca.br

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho é um Trabalho de Conclusão de Curso onde procuramos analisar a partir dos filmes “Também somos irmãos”, de José Carlos Burle, “E o mundo se diverte”, Watson Macedo e “Orfeu Negro” de Marcel Camus, e mostrar como os discursos raciais eram transmitidos nas obras cinematográficas na primeira metade do século XX, especificamente nas décadas de 40 e 50. E a partir dessa análise mostrar como se reproduziam os estereótipos norte-americanos das pessoas negras no cinema brasileiro, se/e como os discursos militantes antirracistas eram abordados nesses filmes e seu reflexo e influências dentro da comunidade de negra no Brasil nesse período. Assim podendo visualizar o cenário político-social nessas pessoas nesse período e identificar nele o processo que levou a criação e consolidação do espaço e pessoas negras na indústria cinematográfica.

Na pesquisa procuro referenciar algumas obras que possam nortear meus caminhos teóricos e metodológicos nesse trabalho. Um dos textos que é de extrema importância na minha pesquisa é “A bondade do homem branco: olhar da branquitude sobre a questão racial no filme Também Somos Irmãos” do historiador Orson Soares, além de uma bibliografia é uma fonte para entender como o filme foi feito e recepcionado na época de seu lançamento, e não só isso, como também apresenta um rico material sobre como estudar e relacionar História e Cinema.

Já no livro “Pele Negra, Máscaras Brancas” de Frantz Fanon nos ajudará a entender as formas como as pessoas negras reagem e reproduzem preceitos da branquitude, como mesmo inconscientemente é reproduzida uma procura pela perfeição branca, junto com o livro “O Pacto da Branquitude” de Cida Bento traçar uma linha de como o colonizador europeu operou e opera o controle da manutenção do racismo nas bases da sociedade contemporânea e como isso refletiu no cinema, sobretudo brasileiro. Ainda mais, a Cida Bento vai ser importante para visualizarmos a imagem da mulher negra no cenário brasileiro.

Para entender o Cinema como objeto histórico a historiadora Sheila Schvarzman vai, com seu interessantíssimo artigo intitulado “História e historiografia do cinema brasileiro: objetos do historiador”, apresenta uma contextualização de quando a historiografia passou a ver o Cinema como importante para a análise cultural da sociedade. Ademais, ela nos aponta pesquisadores importantes para que possamos compreender os métodos dos estudos nessa área, como Carlos Guinzburg e Roger Chartier, além de Jean Claude Bernardet, Paulo Emílio e Maria Rita Galvão no Brasil.

No campo da História a pesquisa em torno da História e Cinema e da História Cultural conduziu a novos enfoques e reavaliações. Com a preocupação com as sensibilidades, o cotidiano, a expressão de grupos marginalizados, a manifestações da privacidade, outros materiais e enfoques passam a ter valor. E isso, ainda que não tenha como foco a história do cinema, acabou por modificá-la, enriquecê-la, mudando as visões e valorização tradicionais (Schwarzman, 2007, P. 34).

Utilizando a leitura do livro “Crítica da imagem eurocêntrica” de Ella Shohat e Robert Stam, começo a traçar uma ideia de como o cinema americano não só influencia nossa visão sobre os moradores de países de terceiro e quarto mundo, mais também como o cinema para esses lugares é uma forma de praticar sua cultura e representar seu povo sem ser pelo olhar imperialista cheio de preconceito. E como a partir de sua cultura eles constroem suas narrativas, demonstrado a partir da arte as luzes de sua criatividade e autonomia intelectual e cultural.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

As fontes primárias que vou utilizar serão os filmes nacionais *E o mundo se diverte* (1948), *Também somos irmãos* (1949) e *Orfeu Negro* (1959), as secundárias serão entrevistas com os atores presentes nos filmes e outros atores negros da época, assim como a dissertação de mestrado do historiador Orson Soares sobre o filme *Também somos irmãos*, ademais de imagens como posters dos filmes e representações dos estereótipos (*mommy*, *Jim Crow*, entre outros). Todos esse acervo está disponível na internet, no Youtube e no Google.

O cinema é compreendido metodologicamente enquanto fontes do audiovisual ou fontes fílmicas. São fontes complexas porque elas possuem múltiplas linguagens: a estética do visual, a película, a fotografia, o roteiro, a atuação, o plano de câmeras, o cenário, a cena, o frame, a atuação e sua reprodutibilidade, assim como o seu carácter discursivo e simbólico a representar, ao mesmo tempo em que orienta padrões de vida, comportamentos, ideologias, aspectos que transcendem o consumo pelo puro entretenimento.

O filme é tomado aqui a partir da compreensão do historiador francês Jacques Aumont, enquanto representação, respeitando o seu carácter ficcional e a sua linguagem estética. Assim como explica Marc Ferro (1992) o cinema é um instrumento que se impõe a

si mesmo³, ou seja, ele ultrapassa seu propósito apenas como arte e se torna um objeto de compreensão de realidades, perspectivas, propaganda entre outros.

Desse modo trata-se de uma metodologia das visualidades, dentro de uma compreensão qualitativa de carácter exploratório com base nos filmes, artigos e livro como se deu o processo de construção do espaço dos atores negros nesse início do cinema moderno. Como foram manipulados seus comportamentos nas telas, como eram retratados e vistos pela classe dominante tendo em vista a forma como eram representados, como tinham suas historias contadas, assim como foi a recepção desses filmes pela comunidade a qual esses filmes retratavam.

3. DISCUSSÃO E RESULTADOS

Por se tratar de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), seus resultados ainda não foram finalizados, mas com o avanço das pesquisas achamos informações interessantes que estão nos guiando para a resolução dos objetivos propostos a pesquisa, como recepção dos meios de comunicação e sociedade brasileira aos temas tratados nos filmes e se as pautas tratadas nesses filmes foram contempladas pelas suas respectivas produções.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o trabalho esteja em andamento já podemos notar que houve um certo impacto, pelo menos de Também somos irmãos nas discursões raciais no cenário cultural brasileiro, abrindo espaço para que o tema fosse mais difundido e debatido, abrindo espaços para produções mais diversificadas futuramente no cinema nacional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Universidade Reginal do Cariri por oferecer educação gratuita de qualidade, ao Centro de Humanidades, ao Departamento de História e ao Centro Acadêmico de História pela oportunidade de compartilhar minha pesquisa para a comunidade acadêmica.

REFERÊNCIAS

³ Ferro, p. 27.

ALVES, Paula. Et al. **Mulheres no Cinema Brasileiro**. Uberlândia/MG, v. 24, n. 2, p. 355-394, Jul./Dez. 2011.

BERNADET, Jean-Claude. **Históriografia clássica do cinema brasileiro: metodologia e pedagogia**. 2 ed. Anna Blum. São Paulo, 2008.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. 1. Ed. São Paulo: Companhia Das Letras, 2022.

CONCEIÇÃO, Jefferson Queiroz. **Representação dos negros no Cinema Nacional**. Revista Eletrônica v.7.n.14 p.340-349. 2020. Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Disponível em: <http://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/historiacom/article/view/2570>

E O MUNDO SE DIVERTE, direção e roteiro: Watson Macedo, Rio de Janeiro, Atlântida Cinematográfica, 1948. <https://youtu.be/Ph0JhyvWt6E?si=lzjPHidC3zfWdOil> .

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

ORFEU NEFRO, direção e roteiro: Marcel Camus, Rio de Janeiro/França. Dispat Films, Gemma Cinematografica, Tupan Filmes, 1959. <https://youtu.be/-huD4chl2tI?si=qJiT-XWRe9j8KnUn> .

SOARES, Orson. **“A BONDADE DO BRANCO”: OLHAR DA BRANQUITUDE SOBRE A QUESTÃO RACIAL NO FILME TAMBÉM SOMOS IRMÃOS**. Dissertação (Mestrado História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 165. 2020.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica da imagem eurocêntrica**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SCHVARZMAN, Sheila. **História e historiografia do cinema brasileiro: objetos do historiador**. Cadernos de Ciências Humanas – Especiaria. v.10, n.17, jan./jun., 2007, p. 15-40.

TAMBÉM SOMOS IRMÃOS, direção: José Carlos Burle, roteiro: Alimor Azevedo, Rio de Janeiro, Atlântida Cinematográfica, 1949. https://youtu.be/HgeAOrt1FcU?si=Zwan49uvrCCaQvp_